

MULHERES INTELLECTUAIS E(M) REVISTAS CULTURAIS DA IMPRENSA ALTERNATIVA DO FINAL DOS ANOS SETENTA

MARIANA LINK MARTINS¹; CLÁUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianalinkk@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fonseca.claudialorena@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Mulheres e intelectualidade é uma combinação muito recente. De fato, durante séculos, por meio do privilégio da dominação masculina, as mulheres foram violentamente afastadas do discurso intelectual e da escrita. Muito demorou para se estabelecer a ideia de que mulheres também podem exercer a função intelectual – e assim serem designadas, devido, entre outros motivos, ao tardio direito à educação, mas, sobretudo, à noção da irracionalidade feminina estabelecida desde a Antiguidade Clássica pela filosofia aristotélica e reforçada pelos ensinamentos bíblicos (LERNER, 2019).

Dessa forma, ao longo do tempo, os trabalhos intelectuais de muitas mulheres foram apagados da história registrada e interpretada, justamente por não serem consideradas como capazes de compor a narrativa intelectual. Um capítulo da história brasileira em que as mulheres sofreram um considerável silenciamento foi o da ditadura militar (1964 – 1985). Sabe-se que esse período ficou marcado pelo protagonismo da resistência masculina, embora a participação das mulheres, nas mais variadas frentes de oposição, tenha ocorrido em larga medida, como foi no caso da imprensa alternativa.

Segundo ARAÚJO (2000), a imprensa alternativa foi um movimento jornalístico e político, formado por periódicos que questionavam a ditadura militar, direta ou indiretamente, a partir do ideário da esquerda, denunciando a violência e a arbitrariedade do governo autoritário. De acordo com a autora, os alternativos viveram seu momento mais notável durante a década de setenta, sobretudo nos seus últimos anos, os quais foram caracterizados por uma promessa de abertura política. Essa fase de novas possibilidades no horizonte suscitou uma reação em massa por parte da resistência cultural, o que também possibilitou a criação de muitos jornais, revistas e suplementos. O fim da década de setenta, então, foi um momento de grande expressividade alternativa.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as mulheres intelectuais que fizeram parte da imprensa alternativa no complexo contexto do fim dos anos setenta, para, deste modo, produzir um resgate de suas memórias e inscrevê-las de fato na história da resistência. Para tanto, a investigação abrange duas revistas culturais paulistas: a primeira é a *Versus*¹ (1975 – 1979), fundada pelo gaúcho Marcos Faerman, que foi uma publicação voltada para a cultura como ação política, com um foco temático inovador – a América Latina – e que teve uma ampla circulação nacional, com 34 edições publicadas. Com 14 números lançados, a outra revista é a *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio* (1976 – 1982), produzida por professoras e professores da Universidade de São Paulo, sendo coordenada por Walnice Nogueira Galvão (crítica literária) e Bento Prado Jr. (filósofo), destinada

¹ *Versus* anunciava-se como “um jornal de aventuras, ideias, reportagens e cultura”, no entanto, de acordo com CRESPO (2018), devido às suas características, é classificado tecnicamente como uma revista. Dessa forma, neste trabalho, optamos por utilizar a classificação de CRESPO (2018).

a um público mais intelectualizado, já que seu conteúdo era majoritariamente de crítica literária acadêmica e teorias filosóficas.

Versus e *Almanaque* apresentam diferenças significativas, em especial na configuração de suas redações, mas também em conteúdo, circulação e recepção, e justamente por isso possibilitam reconstruir a conjuntura intelectual do período por meio de uma investigação comparativa. Pensar o papel das mulheres em distintas formas de construção editorial permitirá atingir uma análise mais completa.

2. METODOLOGIA

A pesquisa parte de uma perspectiva feminista para comparar as duas revistas culturais com base na metodologia sugerida por CRESPO (2011) para o estudo de revistas culturais e literárias latino-americanas, a qual consiste em uma análise interdisciplinar, fundamentada na articulação entre as publicações, os grupos intelectuais e a conjuntura histórica e sociocultural. Ainda em conformidade com a autora, identifica-se as revistas escolhidas como “baluartes culturais”, portanto o trabalho tem como princípio básico a noção de que ambas são “polo emissor e campo de intersecção de propostas culturais, artísticas, literárias e políticas” (CRESPO, 2011, p. 107).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa observou que o comportamento das revistas *Versus* e *Almanaque* no que se refere às mulheres intelectuais é significativamente divergente. Os números demonstram que tanto em *Versus*, como em *Almanaque*, a presença de mulheres era baixa, na média de 28% e 36%, respectivamente. No entanto, em *Versus*, das 130 mulheres que colaboraram na revista, somente 65 publicaram em suas páginas, diferente de *Almanaque*, que veiculou a produção de 48 mulheres do total de 54. Sendo assim, mesmo que *Versus* tivesse uma redação muito maior que a de *Almanaque*, o número de mulheres que difundiram suas ideias e reproduziram seus conhecimentos encontra-se no mesmo nível. Então, a presença da intelectualidade feminina é mais marcante na revista coordenada por Walnice, em vista dos números apresentados.

A falta de similaridade pode ser explicada, principalmente, pela liderança feminina de *Almanaque* e a masculina de *Versus*. Além disso, nesta respirava-se o ar do jornalismo alternativo, independentemente de a publicação não trabalhar com os fatos diários e sim com propostas mais complexas e literárias, sua redação era composta principalmente por jornalistas experientes. Por isso, grande parte das mulheres que colaboraram na revista eram profissionais da área. Já em *Almanaque* a atmosfera era a da academia. Sua mesa de redação era formada por pessoas ligadas à USP ou que, em algum momento de suas vidas, fizeram parte da instituição. Também havia aquelas advindas de outras universidades, mas todas presentes pertenciam ao meio universitário. Por ser predominantemente elaborada por profissionais com mestrado ou doutorado, *Almanaque* foi polo de encontro de uma elite acadêmica. Logo, as mulheres intelectuais que atuaram na revista eram figuras de destaque, sobretudo na área de Letras e Literatura.

Outra importante constatação, é que não há mulheres publicando nas duas revistas, o que também demonstra como pertenciam a diferentes universos, embora fizessem parte do mesmo movimento cultural. É apenas através de sua produção literária, mais especificamente de sua poesia, que quatro mulheres estão

presentes em ambas. São elas: Zulmira Ribeiro Tavares, Ana Cristina César, Heloisa Buarque de Holanda e Leila Miccolis.

A análise também demonstrou outra característica distinta entre as revistas: em *Versus*, muitas das intelectuais que colaboraram com importantes reportagens ou artigos eram do exterior. Nos 14 números de *Almanaque* apenas duas não brasileiras publicaram em suas páginas, sendo elas as francesas Hélène Clastres e Jeanne Favret-Saada. Fica claro que *Almanaque* privilegiou as produções das mulheres brasileiras, enquanto *Versus*, apesar de também contar com muitas colaborações destas, deu um significativo espaço para mulheres de outras partes do mundo. Levando em consideração os diferentes contextos em que estavam envolvidas – jornalístico e acadêmico – pode-se compreender o porquê dessa diferença.

O ambiente acadêmico brasileiro da década de setenta observou uma intensa presença de mulheres, assim como absorveu o feminismo e as teorias a ele relacionadas, segundo DUARTE (2003). Pode-se interpretar que, por ser parte desse círculo, *Almanaque* estava em constante contato com mulheres que produziram ou estavam produzindo conceitos e reflexões. A esfera jornalística, entretanto, ainda não funcionava da mesma forma no país. Conforme a colaboradora de *Versus*, MORENO (1976), destaca, mesmo com a crescente entrada de mulheres na profissão, a desvalorização era imensa, tanto que a maioria trabalhava apenas com assuntos de pouca relevância. Essa realidade pode explicar a publicação de mulheres estrangeiras em *Versus*, já que não estava em um contexto no qual a produção feminina brasileira fosse regular. Mesmo assim, a revista de Faerman demonstra que se diferenciava da sua própria bolha, uma vez que não restringia o trabalho de mulheres, nem desvalorizava a sua intelectualidade.

Neste ponto, em que foi mencionada a relação de *Almanaque* com a academia e dessa com o feminismo, é preciso estabelecer uma outra comparação, visto que a revista de Walnice e Bento pouco publicou sobre o movimento feminista. Sua única investida foi uma edição intitulada “A Mulher Objeto... de Estudo” (1979), a qual apresentou textos de autoria feminina – teóricos e literários, bem como discussões feministas. Já *Versus* não dedicou nenhum número específico ao tópico, mas publicou diversas vezes ao longo dos seus quatro anos de existência, textos que contemplavam o tema.

Os últimos anos da década de setenta foram caracterizados por uma complexidade eminente. Além do contexto ditatorial e a efervescência cultural da resistência, esse período também testemunhou uma grande ruptura nos ideais determinados para as mulheres brasileiras, visto que os movimentos feministas tinham seu momento de maior expressividade no país até então, assim como os estudos feministas e sobre as mulheres estavam proliferando nas academias e em outros espaços de produção do saber (DUARTE, 2003). Essas circunstâncias resultaram em mudanças posteriores, como o aumento de mulheres alfabetizadas no país, por exemplo, por isso é possível caracterizar o final dos anos setenta como um período de transição para novos paradigmas políticos, culturais e sociais, sobretudo em relação às mulheres.

Por estarem imersas nesse complexo contexto, as duas revistas vivenciaram essa transição da realidade, a qual ainda era marcada pela massiva ausência das mulheres nos meios intelectuais e de produção do pensamento. *Versus* e *Almanaque* não eram periódicos de cunho feminista, nem foram criados para refletir exclusivamente sobre as condições de existência das mulheres. Portanto, o modo como abriram suas redações para as mulheres intelectuais, bem como suas

páginas para os movimentos feministas e discussões relacionadas, demonstra que sua essência era oposta à de grande parte da intelectualidade de resistência ao regime militar, que não via a importância da pauta, conforme sugere PINTO (2003).

4. CONCLUSÕES

Investigar a atuação das mulheres nesses espaços heterogêneos com base em uma análise comparativa permitiu reconstruir o cenário intelectual do final da década de setenta e, assim, compreender seu arranjo. Investigar essas duas publicações permitiu resgatar o trabalho intelectual de 184 mulheres que contribuíram com a luta pela redemocratização da sociedade pelo viés cultural, em um período tão violento e cruel da história nacional. História essa que sistematizou, ao longo dos séculos, a exclusão das mulheres como agentes, bem como silenciou suas experiências e realizações, constantemente as registrando como vítimas do processo histórico (LERNER, 2022). Compreender *Versus* e *Almanaque* como fontes históricas, as quais conservam um registro das obras da intelectualidade feminina coletiva, possibilita ressignificar a história intelectual como uma narrativa também composta por mulheres.

Deste modo, a presente pesquisa evidencia que representar a resistência intelectual à ditadura militar apenas com figuras masculinas é uma prática equivocada, a qual perpetua uma organização histórica fundamentada pelos princípios patriarcais. As mulheres registradas ao longo deste trabalho contribuíram com o fazer História.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. P. N. **A utopia fragmentada**: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. São Paulo: FGV, 2000.

CRESPO, R. A. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. (orgs). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**: volume II. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, n. 49, v. 17, pp. 151-172, 2003.

LERNER, G. **A criação da consciência feminista**: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. São Paulo: Cultrix, 2022.

LERNER, G. **A Criação do Patriarcado**: História da Opressão das Mulheres pelos Homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MORENO, R. et al. Debate: Situação da mulher no trabalho. In: **Nós, mulheres**, São Paulo, n. 1, pp. 19, 1976.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.